

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Ciência Política – IPOL

LETHÍCIA SILVA ARARUNA

O MACHISMO NÃO É UMA PIADA

Brasília, DF

2016

LETHÍCIA SILVA ARARUNA

O MACHISMO NÃO É UMA PIADA

Dissertação apresentada como pré-requisito para a
obtenção do título de Bacharel em Ciência Política
pela Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Mathieu Turgeon

Brasília, DF

2016

Se ninguém ri de uma piada machista não significa que o mundo perdeu a graça, mas que o machismo não é engraçado.

Que verdade você transveste de piada?

Que nada nos limite, que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja nossa própria substância, já que viver é ser livre. - Simone de Beauvoir

Dedico a todas as mulheres, principalmente às mulheres da minha vida. Suas lutas são inspiradoras e me fazem entender que a luta não tem hora pra acabar, pois a luta é pra vida toda.

AGRADECIMENTOS

A Universidade de Brasília me possibilitou ampliar meus horizontes, acreditar nos meus sonhos e perceber que para que tudo faça sentido, devemos viver buscando um mundo menos injusto. Devemos lutar pela divisão em lugar da restrição, pelo respeito em lugar da ofensa, pela consciência em lugar da ignorância, pela empatia em lugar da apatia e do egoísmo. Devemos lutar para que as pessoas vejam as distintas realidades existentes e não só se baseiem nas próprias experiências para conceber o mundo. Devemos lutar para que todas as pessoas possam abrir suas asas sem ferir ninguém.

Agradeço especialmente à Deus que me dá firmeza e coragem e à minha família que me faz acreditar diariamente na minha capacidade de realizar todos os meus sonhos e por me ajudarem a ser melhor a cada dia.

Aos meus pais, por me proporcionarem uma vida de luta e de inspiração, me mostrando diariamente que estamos nessa vida para evoluir e por me darem toda base de amor e cuidado que sempre precisei.

Ao meu pai, pelos ensinamentos de humildade, caridade, fé e caráter.

À minha mãe, a mulher mais importante da minha vida, que mesmo que não saiba, sempre foi inspiração pras minhas lutas e pros meus mais imensos sonhos; sempre se dedicou a me ensinar os mais belos valores da vida, me proporcionou uma educação de qualidade e me deixou como aprendizado as mais valiosas virtudes de um ser humano.

Aos meus irmãos, por serem a luz da minha vida, o motivo dos meus melhores sorrisos e por me fazerem querer lutar pra que eles cresçam em um mundo melhor.

Aos meus avós, por me mostrarem que o amor se faz da maneira mais simples e pura.

Ao meu tio, pelo amor e cuidado desde que eu era pequenina, por se fazer essencial e estar presente nos momentos serenos ou nos mais apreensivos.

Às minhas amigas, que me acompanham, pelas lembranças que tenho e pelas que não de vir, obrigada pelo carinho e por segurarem minha mão sempre que preciso.

Ao meu namorado, pela conexão e sintonia diárias, por tornar a jornada menos árdua e a história da vida mais bela; obrigada pelo doce encontro, por significar o amor, pelas histórias que temos e pelas que ainda virão.

Se pudesse resumir este trabalho que agora é uma parte de mim e tudo que tenho a dizer a vocês, seria por meio da palavra gratidão. Gratidão a cada uma/um de vocês, meus sorrisos são mais bonitos e a vida é mais florida por ser dividida com vocês.

Agradeço ao professor Mathieu, pelo auxílio, paciência, conhecimento compartilhado, atenção e cuidado para que o decorrer desse estudo e o resultado final ocorressem da melhor maneira possível.

Por fim, agradeço a todas às mulheres, que com suas lutas inspiradoras, me motivaram a estudar gênero e a ver o quão esse estudo e esclarecimento são necessários a cada pessoa e a sociedade em geral.

"Sou feita de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas que me acrescentam e me fazem ser quem eu sou. Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior... Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade... Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa. (...) Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias." - Cora Coralina.

RESUMO

O presente projeto busca investigar as consequências de piadas e expressões cotidianas de caráter machistas para o preconceito de gênero arraigado na sociedade e qual o perfil, se houver, de universitários, que apresentam esse preconceito de gênero de modo mais carregado. Para além disto, busca-se entender se as mulheres são menos preconceituosas que os homens na prática do próprio preconceito de gênero, com focalização na violência simbólica trazida por meio destas piadas e expressões. Somado a isso, mas sem expectativas definidas, buscar informações acerca de eixos convergentes ao gênero, como raça e renda. O foco do trabalho se dá, portanto, nas relações de poder do cotidiano, as quais na contemporaneidade tem uma regulação ativada por esse próprio cotidiano, estando diluída em formas de controle inter-relacionais. O estudo objetiva dar visibilidade às vivências das mulheres frente à naturalização de um machismo que se esconde por trás de piadas e se dá de forma acrítica, buscando por vezes aceitação social e sem considerar suas consequências. Por fim, o trabalho busca contribuir para a diminuição de uma cultura machista, preconceituosa e de vulnerabilidade social para as mulheres. Para cumprir com o objetivo proposto, foi utilizada a metodologia de estatística descritiva. Diante dos resultados obtidos, é possível indicar que o esclarecimento acerca do preconceito de gênero é necessário e que até mesmo um humor simplório pode reafirmar uma estrutura social discriminatória. Essa forma velada de preconceito pode ser substituída por um humor benigno e transgressor do status quo, buscando uma maior igualdade de gênero.

Palavras-chave: Piadas, machismo, preconceito, gênero, estereótipos, violência simbólica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 – TEORIA.....	14
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA.....	19
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS RESULTADOS	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
Referências Bibliográficas.....	31

INTRODUÇÃO

As sociedades liberais buscam tratar os indivíduos de maneira equânime, não considerando de fato as significativas segregações existentes, as quais são parte das estruturas sociais. Isso não significa que a visão deve ser apenas de diferença entre todos os indivíduos, mas sim que existem grupos sociais que geram consequências no que diz respeito à integração entre aqueles que são considerados pertencentes ou não a determinado grupo (Young, 1990: 43 apud Mota, Maia, 2014: 2).

O presente trabalho versa sobre a observação de que há uma linguagem problemática, disseminada socialmente, por meio de piadas e expressões consideradas comuns, por exemplo, que possui funções maiores do que um simples discurso humorístico, tornando relevante o estudo desse fenômeno político. Isso porque esse tipo de linguagem pode ser considerado por muitas pessoas como “algo somente para fazer rir”, todavia, é um veículo de ideologias que já estão intrincadas no meio social e propagam um tipo de desrespeito e preconceito. O que entra em questão, portanto, é a presença de uma estrutura social que permite e reafirma o preconceito de gênero. Preconceito este que muitas vezes se relaciona até mesmo a graus mais altos de violência encontrados por meio de uma pirâmide que caracteriza os comportamentos de violência contra a mulher, desde o mais básico e simbólico até os mais graves e físicos.

Para trabalhar as questões relacionadas ao gênero e ao preconceito concernente a este na sociedade brasileira, é importante perpassar a utilização problemática dos conceitos de esfera pública e esfera privada como esferas distintas, o que é apontado por grande parte da corrente predominante da teoria política. A corrente feminista surge então, para contrastar com essa definição. Isso porque essa dicotomia que aponta o público visto ou justificado como esfera(s) mais acessível (is) e o privado como esfera(s) da vida social que a intrusão ou interferência são necessárias somente por meio de uma justificativa especial, é falha e negligência que o que acontece na vida pessoal não é imune à dinâmica de poder que estrutura a sociedade (Okin, 2008).

Dentro do tema proposto por esse trabalho, será importante essa discussão da cristalização entre o público/privado como esferas separadas, de forma dual, visto que muitas das pessoas que praticam o preconceito de gênero podem utilizar esse argumento de separação de esferas como justificativa para seus atos e exclusão das mulheres de situações da esfera

pública, por exemplo, não considerando a politização do privado, e a integração entre as duas esferas que tornam essa separação um mito.

Além disso, há a questão da liberdade de expressão, no caso, como produção de discursos de humor, a qual é até mesmo protegida constitucionalmente, como expressão artística produzida em uma democracia. Dessa forma, há um aparato simbólico utilizado de forma engraçada que aproxima o produtor do discurso de seus ouvintes. Todavia, o que é relevante apontar é no tratamento de assuntos ligados a minorias políticas, preconceitos, estereótipos, entre outros, onde há uma tênue linha entre o cômico e a violação de direitos fundamentais/respeito à dignidade humana. Frente a isso, a proibição jurídica se apresenta como uma, mas não a única, maneira de restrição a esses discursos, visto a relevância também das interações sociais. Sobre isso, Foucault aponta:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seus acontecimentos aleatórios, esquivar sua pesada e temível materialidade.*

Assim, o discurso pode orientar comportamentos e ideologias, estando diretamente ligado a uma disputa de poder, como a colocada neste trabalho e por isso deve ser problematizado (Vieira, s/d).

Embasado em tais argumentos, o trabalho seguirá uma linha que busca traçar um perfil, caso exista, de onde há maior ocorrência de preconceito de gênero, focalizando a prática de violência simbólica, e considerando, assim, fatores interseccionalizados como gênero, renda, raça e como esses fatores podem nos indicar se o preconceito de gênero ocorre em maior ou menor intensidade em indivíduos específicos ou se é arraigado e carregado em meio a toda a sociedade brasileira, independente de características específicas. O foco maior será na própria relação de gênero, buscando confirmar ou rejeitar se as mulheres realmente são menos preconceituosas com elas mesmas do que os próprios homens. As informações sobre os outros eixos estarão disponíveis e serão relevantes para informações adicionais sobre o tema.

A relevância do tema se dá principalmente por tornar significativo o entendimento de como se dão as relações de poder no cotidiano, visto que na contemporaneidade, a regulação é ativada cotidianamente, diluída em formas de controle inter-relacionais e não necessariamente por uma autoridade.

* Foucault *apud* Vieira, Hector Luís C. A liberdade de expressão e os discursos de humor: a democracia é bem-humorada? Instituto Brasiliense de Direito Público, Escola de Direito do IDP. (s/d)

Diante do que foi exposto até aqui, o presente trabalho visa responder a seguinte questão: Qual o perfil, caso haja, das pessoas que apresentam maior preconceito de gênero entre alunas* universitárias?

A hipótese é a de que mulheres sejam menos preconceituosas que os homens, no que diz respeito ao próprio preconceito de gênero por meio simbólico. Vamos também verificar se há distinções entre os outros eixos, mas quanto a estes, não há expectativas definidas. A hipótese foi definida visto que ao estudar os estereótipos relacionados à psicologia social, é possível depreender que a tendência gira em torno de identificação das pessoas com os grupos aos quais a mesma pertence, ou seja, elas incorporam o seu auto-conceito. Desse modo, a avaliação do grupo de maneira endogrupo, ou seja, pelas pessoas participantes do mesmo, geralmente se dá de maneira mais positiva, a fim de beneficiar a preservação do auto-conceito. A explicação para esse comportamento está embasada na suposição de um contato mais intenso entre membros do próprio grupo, o que gera uma maior complexidade na visão a respeito do grupo (Stephen, 1985).

É significativo apontar que este trabalho se dá sob um recorte de alunas universitárias e os seus resultados poderiam ser ampliados caso se observasse a sociedade por inteiro. Isso porque Nelson, Clawson e Oxley (1997), em seu estudo acerca da tolerância, apontam as estudantes universitárias (chamadas *sophomores*) como indivíduos com maior capacidade cognitiva, opiniões menos cristalizadas, entre outros pontos que se relacionam a tolerância, como uma vontade de estender liberdades e proteções a grupos que uma não gosta ou detesta. Esse argumento aponta para o fato de que estas pessoas deveriam ser menos preconceituosas que a sociedade em geral. Nesse sentido, uma análise de alunas universitárias representaria um piso quanto a presença de preconceito de gênero na sociedade brasileira.

O proposto estudo objetiva testar a hipótese apresentada, focalizando em comportamentos praticados e disseminados como humorísticos ou simplórios, mas que podem representar uma tentativa de esconder preconceitos contra as mulheres justamente por meio dessas piadas e expressões, como uma via de maior aceitação social, por exemplo. Todavia, o trabalho busca demonstrar que é justamente nesse tipo de comportamento onde se pode observar um início da manutenção do preconceito de gênero.

Além disso, o trabalho objetiva problematizar a respeito dos comportamentos sociais voltados às mulheres e suas consequências, visando contribuir minimamente para ações que

* Os substantivos que conjugam gênero serão utilizados, no decorrer deste estudo, no feminino em todas as situações. Todavia, será para indicação universal (masculino/feminino).

visem à diminuição de uma cultura machista, preconceituosa, violenta, intolerante e de vulnerabilidade social das mulheres.

Seguindo adiante, é importante ressaltar que estamos imersas em uma cultura sexista e patriarcal, onde contestar o status quo é tarefa bastante difícil. Há expectativas e papéis definidos de maneira diferente para mulheres e homens desde o início de suas vidas. Dessa forma, alguns papéis que levam a preconceitos e opressões de gênero são naturalizados, levando as pessoas a acreditarem que aquilo é o correto e deve ser aceito. Todavia, aos poucos têm se percebido que são tentativas falhas, e o proposto trabalho vem acrescentar nessa construção. Mesmo com uma tentativa da mídia e do conservadorismo de disseminar ideias ruins sobre o que é o feminismo e suas lutas, este têm crescido e se mostrado necessário para quebra de alguns paradigmas e rompimento de preconceitos, como os apontados nesse trabalho, que de alguma forma auxiliam a manter os preconceitos contra a mulher, as opressões e a violência, da mais simbólica a mais grave.

Em vista disso, é relevante o estudo do tema, pela possibilidade de dar visibilidade às questões da mulher e de suas vivências, de demonstrar que algumas situações são mantidas justamente pela naturalização da cultura machista, a qual vem afirmar que o preconceito e a violência contra a mulher é algo normal e inevitável, como se fosse “apenas a forma como as coisas são”.

Em consonância com o exposto acima, portanto, é possível justificar a escolha do tema, visto que as ideias machistas disseminadas e consideradas de forma acrítica ou apenas como meras brincadeiras podem resultar na manutenção de uma sociedade desigual no que concerne ao gênero, ou seja, em uma sociedade que reforça comportamentos machistas causadores de preconceito e violência. Além disso, também se pode indicar com relevância que esses comportamentos ferem os direitos humanos e por isso também, tornam-se ainda mais problemáticos.

Em suma, este trabalho vem demonstrar que se ninguém ri de uma piada machista não significa que o mundo ou a democracia perderam a graça, mas somente que o machismo não é engraçado. Sua desconstrução é via uma constante luta.

Na primeira parte desse estudo será feita uma revisão da literatura que trata sobre o preconceito de gênero, focalizando a violência simbólica por meio de piadas e expressões cotidianas. Mais adiante, no segundo capítulo, será apresentada a metodologia, onde será abordada a dificuldade na medição da discriminação e uma descrição da estatística descritiva que será utilizada. Ainda nesse capítulo, será apresentado e descrito o método de análise dos resultados, por meio de tabelas, gráficos e alguns cálculos. No terceiro capítulo, os resultados

serão apresentados e explicitados, explorando principalmente a relação do gênero com o próprio gênero, seguidos por informações adicionais trazidas pelos eixos de raça e renda. Por fim, este capítulo será seguido pelas considerações finais.

CAPÍTULO 1 – TEORIA

A teoria do contrato social, destacada nos tempos modernos, embasa a forma como se dão as relações sociais. Todavia, o contrato sexual também faz parte do contrato original de forma significativa. Isso porque é a forma como o direito político se legitima, em um contexto patriarcal de domínio dos homens sobre as mulheres. A sociedade civil contratual moderna em primeira instância seria oposta ao patriarcado. Porém, vale apontar que o contrato social se associa a questões de liberdade, enquanto o contrato sexual diz respeito à sujeição, de forma que a liberdade do homem é colocada frente à sujeição da mulher. Assim, o contrato original acaba por gerar a “lei do direito sexual masculino”, alicerçando o patriarcado existente na modernidade e indicando que este é mais amplo que a questão apenas paternal. O direito patriarcal se estende do domínio privado ao público, tornando as duas esferas interdependentes e associando a liberdade civil a este direito. Os contratos enfatizados são aqueles em que a propriedade se dá entre duas pessoas (Pateman, 1996: 15-20).

A concepção de que as mulheres detêm propriedades sobre si mesmas se opõe ao patriarcado e reivindica a liberdade civil. O patriarcado moderno não se refere só à sujeição familiar da mulher, mas à tentativa de domínio dos corpos delas pelos homens (Pateman, 1996: 30-37).

Embasado nessa teoria, é possível também somar a indústria cultural a essa questão como forte propagadora de discursos de objetificação e preconceito com a mulher. Esses discursos podem ser percebidos de forma significativa em conversas rotineiras, nas quais se utilizam expressões e piadas que degeneram o papel da mulher e são, por sua vez, fortificadas por uma mídia que é formadora de opinião. O que deve ser ressaltado aqui é que a mídia objetiva uma permanência do status quo, fato que leva não apenas a reprodução de discursos patriarcalistas, como também a uma recepção acrítica da população do que é repassado (Oliveira, Bastos, 2014). Frente a isso, portanto, foi decidido a busca nesse estudo por responder o questionamento de qual o perfil, se houver, das pessoas que apresentam maior preconceito, por meio de percepções de discriminação cotidianas e partindo da hipótese de que as mulheres serão menos preconceituosas do que os homens com o próprio gênero, visto a ideia de endogrupo.

O conceito de endogrupo advém da ideia de "grupo de dentro", ou seja, são aqueles grupos aos quais pertencemos e dividimos objetivos, trazendo semelhanças entre os participantes. Ademais, exogrupo refere-se a "grupo de fora" e se difere por apresentar

características distintas das do indivíduo. Reafirmo que há uma tendência a atribuição de valores positivos a pessoas do próprio grupo em detrimento daquelas que estão de fora. Esse fato leva à concepção de que informações positivas são mais relacionadas e aceitas por participantes do próprio grupo, enquanto informações negativas se associam a outros grupos. Dessa maneira, recolocando a hipótese desse estudo, se supõe que as mulheres serão menos preconceituosas no que diz respeito ao preconceito de gênero justamente por essa ideia de defesa e atribuição de valores positivos ao próprio grupo, sendo este um componente importante na constituição da identidade social. Isso quer dizer que uma resposta mais adequada no caso do questionamento de qual o perfil das pessoas que apresentam maior preconceito de gênero dentro da Universidade, seria a de que os homens seriam mais preconceituosos, pois as avaliações sobre um grupo externo tendem a ser realizadas de acordo com a representação estereotipada que se tem do exogrupo. (Stephen, 1985)

A cultura que pode ser reforçada por meio dessas expressões e piadas preza em primeiro lugar pela diversão e pelo entretenimento, fazendo com que uma formação crítica fique em um segundo plano. Isso faz com que haja uma naturalização de comportamentos que levam ao preconceito de gênero, como por exemplo, a violência simbólica, os quais são aceitos e reproduzidos sem resistência.

Para entender acerca do preconceito de gênero, é necessário abordar pontos que levem a ele na sociedade. Dessa forma, o estudo se dará sob o prisma da violência de gênero, visto que quando esta se manifesta de forma simbólica, se torna fator relevante de reforço da cultura preconceituosa com a mulher. A violência de gênero pode se manifestar de forma física, psicológica, sexual, patrimonial e econômica, mas também de forma simbólica, a qual está sendo focalizada neste estudo. Essa manifestação simbólica diz respeito a piadas relacionadas à inteligência ou a capacidade da mulher, a publicidade que objetifica a mulher e a coloca como inferior, a mulher representada como objeto sexual, enfim, é relacionada a um reforço de estereótipo negativo através da mídia e da própria sociedade. Segundo Cruz, a violência simbólica de gênero pode ser definida por

constrangimentos morais impostos pelas representações sociais de gênero – sobre o masculino e o feminino. *

O preconceito contra a mulher existente na sociedade, portanto, pode ser disseminado de forma velada ou explícita, por meio desses simbolismos trazidos nas piadas, músicas, expressões cotidianas e por meio das mídias sociais.

* Cruz, Sabrina Uzêda da. A representação da mulher na mídia: um olhar feminista sobre as propagandas de cerveja. *Travessias*, vol. 2, n.3, 2008.

Ademais, essas representações são vistas como reais e naturais; fenômeno denominado por Thompson (1995) de “reificação”: uma estratégia para a permanência de determinadas normas, valores e posturas como elementos contemporâneos, justamente por serem consideradas pertencentes a uma tradição. *

Há um embasamento neste trabalho, entre outras referências, na Convenção Sobre Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher (1979), somados a alguns apontamentos de Lavorenti acerca do assunto. A Convenção traz questões diretamente relacionadas ao gênero e aos papéis tradicionais na sociedade exercidos por homens e mulheres. Para a eliminação da discriminação, seria necessário que esses papéis fossem alterados (Lavorenti, 2009).

Assim, pode-se afirmar que a violência simbólica de gênero contribui para a permanência dos tradicionais papéis sociais discriminadores que obstam a busca por uma igualdade de gênero. *

A Convenção Sobre Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher (1979) é um tratado internacional que está em vigor desde 1981 e discorre acerca dos direitos humanos da mulher. Este, objetiva a promoção dos direitos da mulher, buscando uma maior igualdade de gênero e uma repressão de qualquer discriminação contra a mulher nos Estados que fazem parte do tratado (180 no total, até outubro de 2005). A Convenção da Mulher advém de iniciativas tomadas pela Comissão de Status da Mulher, da ONU, diante de esforços internacionais e após diversos tratados protetivos e de promoção aos direitos da mulher principalmente em esferas consideradas de maior vulnerabilidade no que diz respeito aos direitos da mulher. A discriminação contra a mulher, nesse tratado, deve ser eliminada por meio de adoção de medidas legais, políticas e programáticas. Além disso, as obrigações são válidas para todas as esferas da vida, indicando a promoção de medidas apropriadas para eliminar a discriminação contra a mulher, seja ela praticada por qualquer pessoa, organização, empresa ou até mesmo pelo próprio Estado. A efetivação das práticas, todavia, não se dá apenas com a enunciação formal, mas também depende das ações advindas dos três poderes. Ainda há uma significativa defasagem entre lei e prática, o que ainda impede a plena realização da garantia dos direitos das mulheres. (Pimentel, s/d)

Seguindo ainda a linha de Lavorenti (2009), o conceito de violência simbólica é importante por ocorrer embasado em uma distinção de gênero e papel social. Dessa forma,

* Oliveira, Amanda Muniz; Bastos, Rodolpho Alexandre Santos Melo. A violência simbólica de gênero propagada pela indústria cultural e os direitos humanos das mulheres. Interfaces Científicas – Direito, Aracaju, V.2,N.2, p. 47 – 58. Fev. 2014. Pg. 52-53

* Oliveira, Bastos, 2014: 54-55

essa violência simbólica pode levar ao preconceito. Essa discriminação é reconhecida dessa forma a partir do momento que ocorre baseada no sexo do indivíduo e buscar

prejudicar ou mesmo anular o reconhecimento, gozo ou exercício pela mulher dos direitos humanos em diversos campos, inclusive o social e cultural.*

Além do conceito de violência simbólica apresentado, é relevante apresentar o conceito de preconceito, o qual é objeto de estudo nesse trabalho. Pager (2006) traz a ideia de discriminação como o tratamento, a diferenciação, a separação ou a distinção de uma pessoa ou entre pessoas baseado no grupo, na classe ou na categoria na qual essa(s) pessoa(s) é (são) percebida(s) de pertencer e não no mérito próprio dessa(s) mesma(s) pessoa(s). Ainda segundo Pager, a discriminação é um mecanismo significativo, o qual está subentendido em muitos padrões de desigualdade, sejam eles históricos ou contemporâneos.

A exposição do humor machista no cotidiano representa uma perpetuação desse machismo, visto que passa uma mensagem de uso das mulheres como objetos sexuais, de homens como melhores que mulheres, além de banalizar a violência e as agressões, solidificando ideias de tolerância para com situações hostis e de preconceito contra as mulheres. A problemática trazida pelas piadas sexistas está na construção e reforço de estereótipos das mulheres, por meio de expressões que afirmam um comportamento tido como natural das mulheres, como superficialidade, futilidade, “falar demais”; por meio de piadas que reforçam um comportamento dito como adequado às mulheres, como um meio de controle, ridicularizando àquelas que se desviam deste rótulo e se relacionando comumente à sexualidade; ou por fim, àquelas piadas que banalizam a violência contra as mulheres, naturalizando comportamentos que desrespeitam as mulheres e representam uma violência simbólica (Gregoli, 2012).

É significativo indicar que os aspectos materiais e simbólicos atuam conjuntamente e incidem de forma distinta nos diferentes grupos de pessoas. Portanto, o humor sexista, ao invés de somente uma diversão benigna, apresenta a possibilidade de afetar a percepção do entorno social e permitir conforto diante de expressões comportamentais sexistas, o que lhes retira o receio de desaprovação, como se fosse um “libertador de preconceito”. As piadas passam a apresentar um novo limite de aceitabilidade social, o que demonstra que o disfarce de “diversão benigna” ou de “é apenas uma piada”, lhes dá o potencial para ser uma força poderosa e generalizada, capaz de legitimar os preconceitos da sociedade (ScienceDaily, 2007).

* Lavorenti, Wilson. Violência e Discriminação contra a Mulher: Tratados Internacionais de Proteção e o Direito Penal Brasileiro. Campinas: Millenium, 2009.

Por fim, a organização da sociedade contemporânea conduz a reificação e legitimação da estrutura de gênero, protegendo uma esfera significativa da vida das mulheres de um exame político (Okin, 2008: 314-315). O poder de definição de papéis e posições dados aos homens na história possibilitou-lhes uma supremacia que só pode ser refutada com o ganho de poder pelas mulheres, visto que somente a concessão de direitos às mulheres não significa por si só o fim das desigualdades de gênero (Silva, Ventura, Kritsch, 2009: 53-56). Assim, é relevante a busca por uma maior importância das experiências das mulheres, possibilitando alterar a vinculação entre esfera pública/privada e desconstruir mecanismos de manutenção dessa opressão. Diante disso, trataremos a seguir, na metodologia, os três eixos e como eles agem na situação de percepção de preconceito contra as mulheres.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

Em virtude dos objetivos elencados, a pesquisa proposta visa apurar informações e compreender variáveis acerca do tema proposto, de forma a manter um contato flexível e receptivo às sujeitas estudadas. Além disso, a pesquisa se dá sob um desenho metodológico quantitativo, por ser mais adequado na situação em que se pretende investigar o indivíduo e suas interações sociais com o aprofundamento proposto por este trabalho.

Em um primeiro momento, a fim de responder o questionamento de qual o perfil, caso haja, entre alunas universitárias, das pessoas que apresentam maior preconceito de gênero, focalizando principalmente na relação gênero/preconceito de gênero, será utilizada uma análise estatística de dados coletados e observados para verificar se a hipótese de que mulheres são menos preconceituosas que os homens no próprio preconceito de gênero pode ser confirmada ou rejeitada.

Assim, o estudo irá partir da utilização de um survey relacionado a atitudes sobre ações afirmativas como modo de ingresso nas universidades federais. O experimento foi aplicado a uma amostra de graduação na Universidade de Brasília, onde cotas raciais, sociais e de escolas públicas são parte do processo de admissão. O estudo foi conduzido convidando um total de 30507 alunas de graduação por email para participação em um estudo on-line sobre a universidade e o corpo discente. Destas, 4422 alunas participaram do estudo. Dentre as questões apresentadas no questionário, há a questão 10, a qual diz respeito a uma série de frases e expressões brasileiras que se ouve na rua, na televisão, no rádio, entre amigos e familiares, ou seja no cotidiano. Assim, é questionado se as frases e expressões elencadas são preconceituosas ou meras brincadeiras. Dentre essas frases e expressões, há uma sobre o preconceito de gênero. A pergunta apresentada é:

Seguem abaixo uma série de frases e expressões brasileiras que se ouve na rua, na televisão, no rádio, entre amigos e familiares. Na sua opinião, as seguintes frases e expressões são preconceituosas ou meras brincadeiras?

O enunciado de foco é a expressão/piada "Mulher no volante, perigo constante".

Portanto, o intuito se concentra em buscar observar questões como quais pessoas são mais suscetíveis de apresentar preconceito contra as mulheres, ou seja, em relação ao gênero, se as mulheres são menos preconceituosas que os homens. Ademais, se esse preconceito é só

de gênero ou se ele se estende para questões sociais e de raça, se a renda influi nesse preconceito, entre outros pontos importantes.

A metodologia, então, será delineada por meio de estatística descritiva, a qual trata da coleção, organização, apresentação e descrição de dados e variáveis. Para tanto, a descrição dos dados é importante, se dando por meio de gráficos e medidas estatísticas que possibilitarão uma ideia da “aparência” dos dados.

É relevante apontar que a discriminação é difícil de ser medida, portanto, Pager (2006) aponta alguns métodos que facilitariam essa medição. Dentre os elencados, há a medida por meio de percepções da discriminação em contextos cotidianos, ou seja, o preconceito nesse caso seria reconhecido por meio de percepções e interpretações das pessoas na maneira como elas mesmas e as outras são tratadas. A dificuldade do estudo, portanto, reside não só em possíveis amplificações, mas também na imperceptibilidade da discriminação em muitos casos. Além desta, o estudo se dará como uma subestimação do preconceito real, visto que as perguntas do survey relacionadas a esse tema não atribuem privacidade o suficiente para que as respostas não tenham o viés da busca por aceitação social. Por fim, é significativo relembrar que as estudantes universitárias, as quais responderam esse survey, seriam menos preconceituosas, em teoria, do que a sociedade em geral, visto sua posição de *sophomores*.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS RESULTADOS

Conforme apontado anteriormente, o objetivo do presente estudo é analisar se as mulheres são menos preconceituosas que os homens na avaliação de percepção de preconceito de gênero e somado a isso avaliar se a renda e a raça influem também de alguma maneira neste preconceito. Nesse estudo, foram utilizadas as técnicas básicas para fazer inferências estatísticas sobre a relação entre duas variáveis. Nesse sentido, foram observadas primeiramente estatísticas ordinais de postos e seus momentos para variável quantitativa (renda), juntamente com a estatística de descrição de tendências para as variáveis qualitativas (gênero, raça). Em seguida, para o teste de hipótese, foi estabelecido um grau de confiança para a realização dos testes bivariados mais adequados a cada situação (95% de confiança). É importante ressaltar que após a coleta de dados, para conduzir um teste bivariado de hipótese, é necessário que a natureza das variáveis dependente e independente seja considerada. Dado isso, os testes foram constituídos por análise tabular e teste qui-quadrado nos casos em que as duas variáveis são descritas como categóricas - os dois primeiros testes, relacionados respectivamente a gênero e cor/raça- e por teste de proporção no caso em que a variável dependente é contínua e a variável independente é categórica - o último teste, relacionado a renda.

Um elemento comum nos testes estatísticos de hipótese é o valor-p, que compreende valores de 0 a 1. Para isso, portanto, foi utilizada a medida do valor-p, a qual indica a probabilidade de ser encontrada a relação observada entre as variáveis na amostra, caso não existisse relação entre as mesmas na população subjacente, ou seja, o valor-p transmite o nível de confiança com o qual se pode rejeitar a hipótese nula. Dessa forma, quanto menor o valor-p, maior é a confiança da existência de uma relação sistemática entre as duas variáveis. A hipótese nula é uma afirmação baseada na teoria, mas diz respeito ao que se esperaria encontrar se a teoria proposta estiver incorreta. Assim, no caso desse estudo, a teoria é que existe uma covariação entre as variáveis, o que quer dizer que a hipótese nula diz respeito a não existência de covariação entre x e y. Nesse contexto, o valor-p nos diz o nível de confiança com o qual se pode rejeitar a hipótese nula e confirmar a hipótese proposta. Por fim, os gráficos de barras foram os mais adequados para representação das situações.

O processo de análise na metodologia de estatística descritiva se deu por meio do R, já que este é um software livre para computação estatística e construção de gráficos.

Os dois primeiros testes - referentes a relação entre gênero/preconceito e raça/preconceito - apresentam uma análise tabular para facilitar a comparação e encontrar as informações de maneira mais ágil. A partir de então foram comparados o número de casos observados com o número de casos que se esperaria encontrar se não existisse relação entre as variáveis. Para tanto, foi utilizado o teste qui-quadrado de associação. O valor encontrado foi comparado a valores padrões predeterminados - valores críticos - levando em consideração que para concluir que existe relação entre as duas variáveis, é necessário que o valor encontrado seja maior que o valor crítico. Para saber o valor crítico, se observa os graus de liberdade definidos por um cálculo determinado entre linhas e colunas da tabela.

O primeiro teste realizado teve o objetivo de entender se existe uma relação entre o preconceito de gênero e o próprio gênero das respondentes, ou seja, a busca é por saber se as mulheres são menos preconceituosas que os homens na situação de avaliar se a expressão indicada é relacionada a uma mera brincadeira ou se representa um preconceito. Considerando o total de respondentes da questão, 42,79% apontaram a expressão "mulher no volante, perigo constante" como uma brincadeira. Esse alto valor demonstra que uma significativa parcela das estudantes avaliam como brincadeira o que é uma representação de preconceito de gênero na sociedade. É um valor preocupante, visto que as estudantes, consideradas como pessoas mais tolerantes em geral, utilizadas no estudo, são apenas um piso. Isso quer dizer que esse valor, quando avaliado na sociedade em geral, deve ser ainda mais alto. Agora, por conseguinte, é importante uma demonstração separada por gênero das respostas, para avaliação da hipótese apresentada. Para corroborar, portanto, com a clareza dos resultados, considerando o total dos homens (1704), 45,42% disseram ser preconceito e 54,58% brincadeira; enquanto, considerando o total das mulheres (2360), 65,72% afirmaram a expressão como preconceito e 34,28% como mera brincadeira.

É interessante destacar que nessa situação foi encontrada uma relação entre as variáveis, com um qui-quadrado bastante alto (165.71 com grau de liberdade =1) e um valor-p muito baixo ($<2.2e-16$), o que leva ao entendimento de que há uma relação estatisticamente significativa entre as variáveis. Esse resultado indica de forma muito clara que a hipótese pode ser confirmada. O resultado demonstra que apesar da internalização que ocorre por todas as pessoas, incluindo as mulheres, de estereótipos como o de gênero, estas estão mais propensas a defenderem o seu grupo em situações de preconceito simbólico, confirmando a hipótese baseada na ideia de identificação e afirmações mais positivas sobre o seu endogrupo. Dessa forma, após apresentação dos resultados por porcentagens e dos resultados de relação entre as variáveis, a tabela 1 - Avaliação do Preconceito Separado por Gênero e o Gráfico 1 -

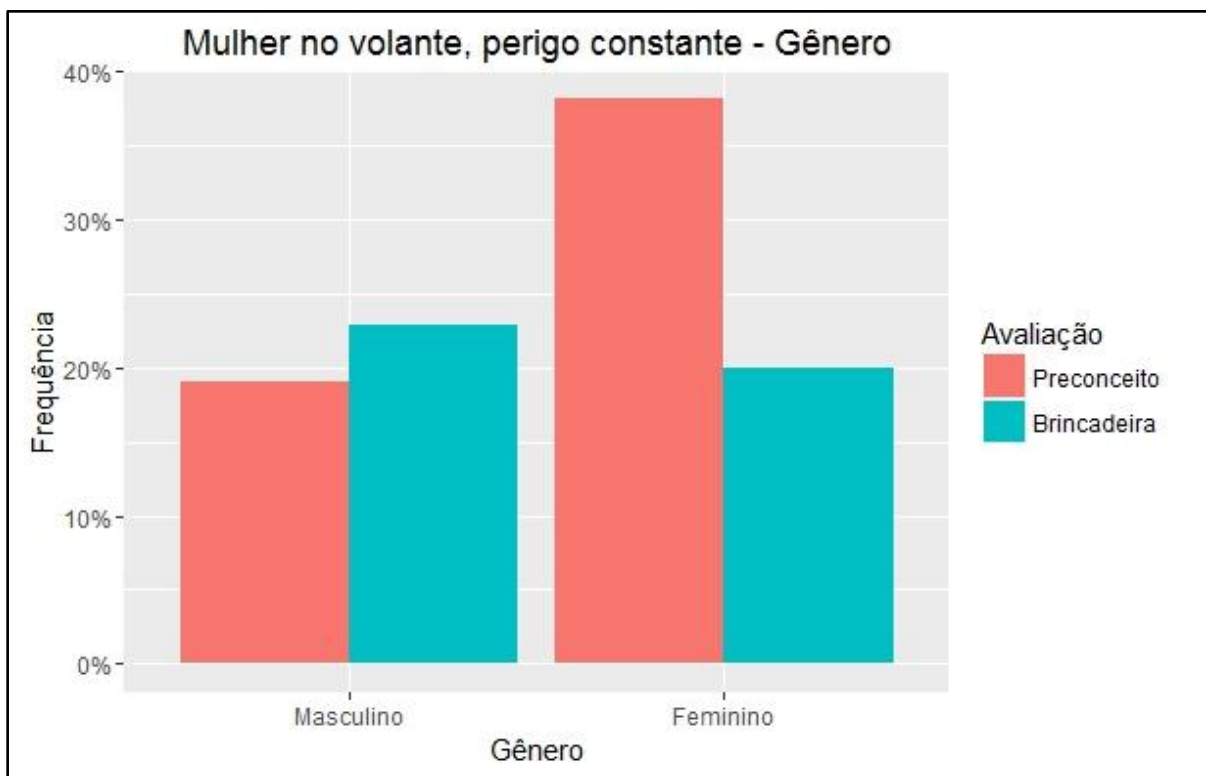
Avaliação do Preconceito pelo Total de Respondentes com Foco no Gênero, apresentados a seguir representam este resultado.

Tabela 1 - Avaliação do Preconceito Separado por Gênero

	Masculino	Feminino
Preconceito	774 (45,42%)	1551 (65,72%)
Brincadeira	930 (54,58%)	809 (34,28%)
Total	1704 (100%)	2360 (100%)

Fonte: Elaboração própria

Gráfico 1 - Avaliação do Preconceito pelo Total de Respondentes com Foco no Gênero



Fonte: Elaboração própria

É relevante destacar que o resultado vai ao encontro das evidências sobre a dominação masculina - trazida por Welzer-Lang (2001) - de forma coletiva e individual, na esfera pública e privada para com as mulheres, e como consequência disso os homens obtêm privilégios, sejam eles materiais, culturais ou simbólicos. Este último é trazido como foco desse trabalho

com a expressão/piada apresentada para avaliação da percepção de preconceito. Dessa forma, a opressão vivida pelas mulheres através dos homens representa um sistema dinâmico, onde essas desigualdades vividas por elas são efeitos das vantagens dadas a eles. É possível apreender que é válida a afirmativa de que os homens e as mulheres têm uma percepção distinta acerca dos fenômenos - no caso estudado, de que a expressão representa uma mera piada e não um reflexo de preconceito - mas além disso, é importante ressaltar que o social está dividido segundo o simbólico que atribui aos homens funções nobres e positivas e às mulheres o oposto. Esta divisão de mundo, portanto, consegue se manter e se regular pelas múltiplas e possíveis violências para com as mulheres - incluindo a violência simbólica tratada nesse estudo - as quais apresentam uma tendência a preservação dos poderes dos homens, sejam coletivos ou individuais, às custas das mulheres. Esse masculino e as relações, portanto, se estruturam sobre uma imagem hierarquizada entre homens e mulheres (Welzer-Lang, 2001: 461-465).

A segunda questão que esse estudo pretende explorar é se a cor/raça influi na percepção de preconceito simbólico por meio da mesma expressão apresentada anteriormente - mulher no volante, perigo constante. Das 4064 respostas do estudo para essa questão, e dos já citados 42,79% de pessoas que avaliaram a expressão como brincadeira, é possível apontar que quando separados por cor/raça, para melhor visualização, podemos ver os seguintes resultados. Dentre as 1995 pessoas brancas respondentes do estudo, 56,09% apontaram a expressão como preconceito, enquanto 43,91% indicaram como brincadeira. Já entre as pessoas pretas, 60,40% acreditam ser preconceito e 39,60% brincadeira. 55% das pessoas amarelas apontaram preconceito, enquanto 45% falaram que era brincadeira. Entre os indivíduos pardos, 58,06% indicaram preconceito e 41,94% brincadeira. Por fim, entre as pessoas indígenas, 52,63% consideraram preconceito e 47,37% brincadeira.

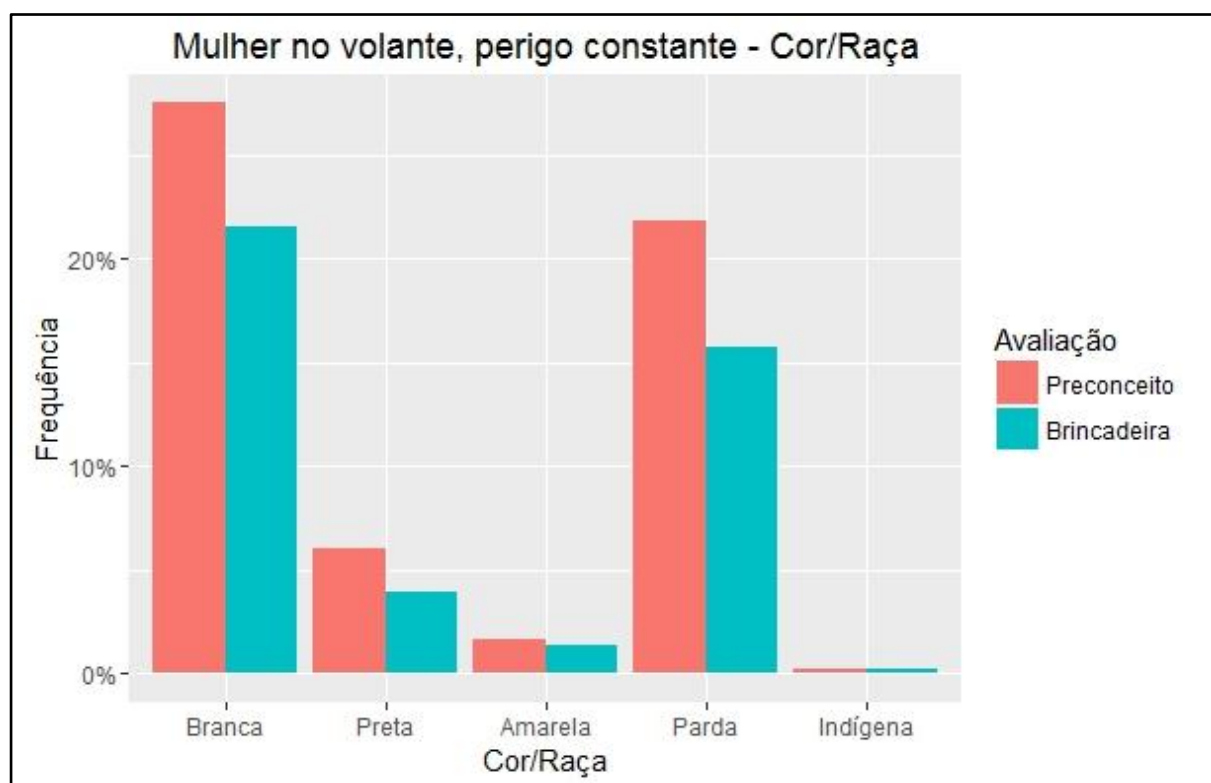
Foram feitos os mesmos procedimentos do primeiro teste, visto que as variáveis continuam sendo categóricas. O resultado do qui-quadrado (3,5499 com um grau de liberdade = 4) foi menor do que o valor crítico estabelecido do qui-quadrado (9,488) com p-valor (0,4703) relativamente baixo. Esse resultado de qui-quadrado indica que não se pode afirmar que há relação sistemática entre as variáveis, como podemos ver na Tabela 2 - Avaliação do Preconceito Separado por Cor/Raça e no Gráfico 2 - Avaliação do Preconceito pelo Total de Respondentes com Foco na Cor/Raça.

Tabela 2 - Avaliação do Preconceito Separado por Cor/Raça

	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena
Preconceito	1119(56,09%)	244 (60,40%)	66 (55%)	886 (58,06%)	10 (52,63%)
Brincadeira	876 (43,91%)	160 (39,60%)	54 (45%)	640 (41,94%)	9 (47,37%)
Total	1995 (100%)	404 (100%)	120 (100%)	1526 (100%)	19 (100%)

Fonte: Elaboração própria

Gráfico 2 - Avaliação do Preconceito pelo Total de Respondentes com Foco na Cor/Raça



Fonte: Elaboração própria

Por fim, a terceira questão explorada gira em torno da relação entre a renda e a percepção de preconceito/brincadeira. Nesse caso, é importante destacar que a divisão de rendas baixa/média/alta foram feitas por meio de tercís. Isso quer dizer que os intervalos da distribuição de frequência foram feitos em três classes, buscando igual número de faixas. As faixas estão determinadas no questionário e foram divididas pela quantidade de possibilidades de resposta, a fim de um melhor equilíbrio entre as classes.

Do total de respondentes da questão, 42,50% apontaram a expressão/piada como brincadeira, considerando que há uma parcela de respondentes que não indicou sua renda, então não pôde ser avaliado nas classes determinadas. Ao avaliar o preconceito separado por renda, é possível apontar que entre as 877 pessoas de renda baixa, 58,15% consideraram a expressão como preconceito, enquanto 41,85% apontaram ser apenas uma brincadeira. Entre as pessoas de renda média, 1315 no total, 59,01% indicaram ser a expressão representativa de preconceito, indo de encontro aos 40,99% que consideraram brincadeira. Por fim, das 1537 pessoas de renda alta avaliadas, 55,82% indicaram ser preconceito e 44,18% brincadeira. Não há uma variação significativa entre os casos avaliados, mas iremos confirmar por meio de um teste de proporção se as variáveis realmente não apresentam relação de modo estatisticamente significativa.

Nesta situação, há uma variável dependente contínua e uma variável independente categórica. Para esse tipo de teste bivariado de hipótese, é necessária a observação das médias - se elas se apresentam distintas para os diferentes valores da variável independente - e após se segue a mesma lógica básica dos testes de hipótese utilizados anteriormente, só que dessa vez utilizando o teste de proporções. O teste utilizado nesse caso, portanto, foi o prop-test. Os resultados desse último teste, apresentados mais a frente, demonstraram que há evidências suficientes para concluir que as populações de renda baixa, média e alta não diferem em relação às suas opiniões acerca da expressão como uma brincadeira de forma estatisticamente significativa.

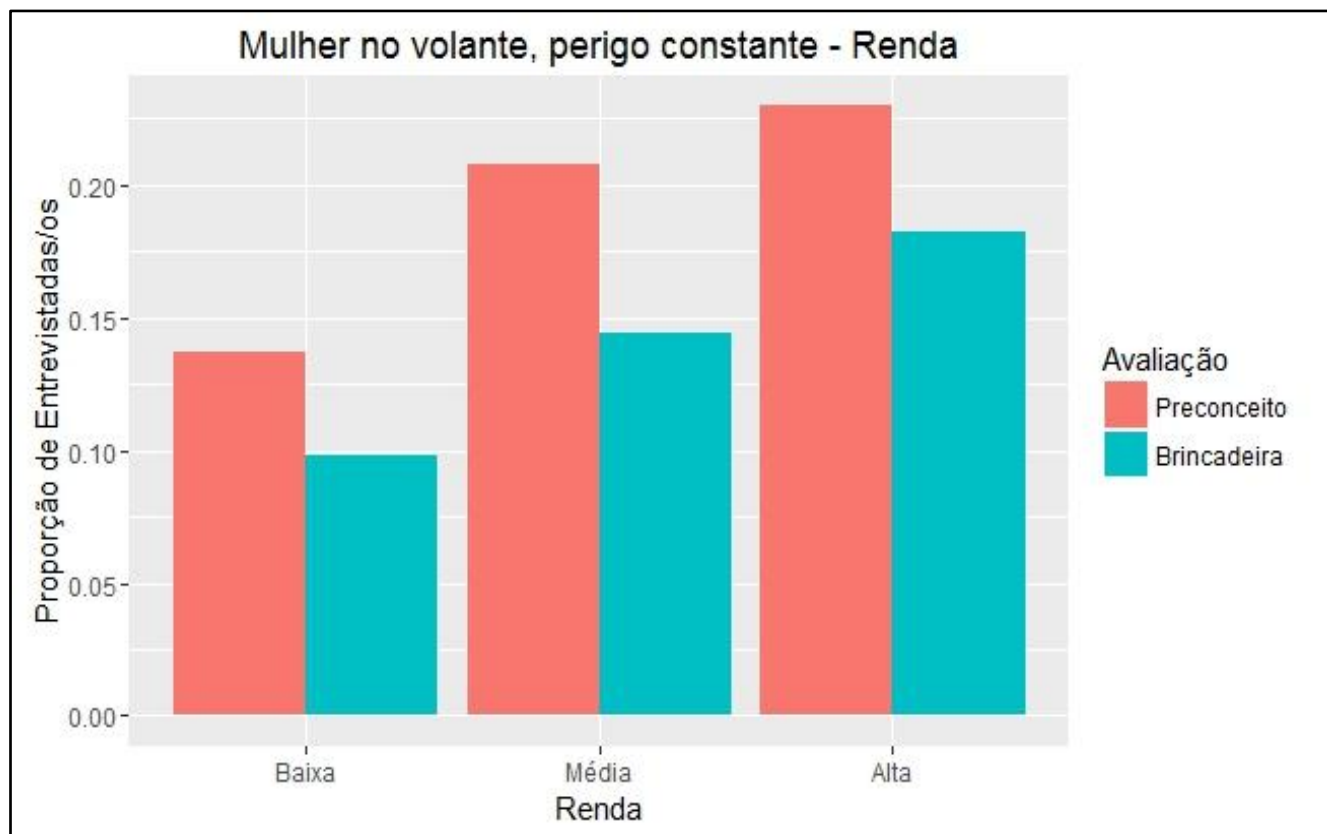
Diante disso, essas informações podem ser melhor visualizadas por meio do Gráfico 3 - Avaliação do Preconceito pelo Total de Respondentes com foco na Renda. Além disso, a Tabela 3 - Avaliação do Preconceito Separado por Renda apresentada, ainda mostra as estatísticas descritivas para a situação que relaciona a renda e avaliação do preconceito/brincadeira quanto a expressão avaliada de acordo com as rendas em separado.

Tabela 3 - Avaliação do Preconceito Separado por Renda

	Baixa	Média	Alta
Preconceito	510 (58,15%)	776 (59,01%)	858 (55,82%)
Brincadeira	367 (41,85%)	539 (40,99%)	679 (44,18%)
Total	877 (100%)	1315(100%)	1537 (100%)

Fonte: Elaboração própria

Gráfico 3 - Avaliação do Preconceito pelo Total de Respondentes com foco na Renda



Fonte: Elaboração própria

Para afirmar o resultado de que as populações não diferem significativamente no que diz respeito às opiniões no caso da renda, é possível se utilizar de um teste que compara duas proporções. Para efeito de análise, iremos comparar as pessoas de rendas baixa e alta. A tabela 4 - Teste de Proporção para Renda demonstra essa resolução, visto que os resultados das proporções dão 0,42 para as pessoas de baixa renda, 0,41 para pessoas de renda média e 0,44 para as pessoas de alta renda. Apenas para fator de esclarecimento, as proporções de preconceito para as rendas baixa, média e alta são respectivamente 0,58; 0,59 e 0,56. Esses resultados quando confrontados com o nível de significância de 0,05 (estabelecendo $-z_{\alpha/2} = -1,96$ e $z_{\alpha/2} = 1,96$) e calculada a hipótese nula por meio de Z (resultado = 0,30), permitem a compreensão de que não se deve rejeitar a hipótese nula de igualdade entre as proporções com base nos dados amostrais obtidos, visto que o valor de z fica entre os valores calculados e

estabelecidos de -1,96 e 1,96. Assim, ao nível de significância de 5%, há evidências de que a avaliação do preconceito nas duas faixas de renda - baixa e alta - são iguais.

Tabela 4 - Teste de Proporção para Renda

Pobres	Ricos
N1 = 877	N2 = 1537
Y1 = 367 disseram ser brincadeira	Y2 = 679 disseram ser brincadeira
$\hat{P}1 = 367/877 = 0.42$	$\hat{P}2 = 679/1537 = 0.44$

Fonte: Elaboração própria

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou demonstrar que a vivência cotidiana está permeada por relações de poder e na contemporaneidade a manutenção destas relações tem se apresentado mais frequentemente por meio de um controle inter-relacional.

Ao focalizar o humor, como ponto de partida para o estudo de uma assimetria de gênero, foi possível depreender que este pode reforçar o status quo, a partir do momento que se apresenta de maneira machista, por exemplo, reificando uma estrutura desigual existente, ou por outro lado, o humor pode se apresentar como uma ferramenta de transgressão, no momento em que se apresenta de maneira benigna e busca na verdade, desestabilizar os papéis de gênero definidos assimetricamente na sociedade.

A vivência do corpo e da sexualidade pelas mulheres representa uma das fissuras da dominação e uma forma de ressignificação desta pelos indivíduos, visto que esta vivência é foco de opressão das mulheres (Young, 2005). Dessa forma, a objetificação, a linguagem problemática direcionada às mulheres, os estereótipos de gênero trazidos por meio da mídia e das próprias piadas, que foram o objeto desse estudo, dificultam essa emancipação e auxiliam na manutenção do preconceito e da desigualdade de gênero.

Esse tipo de linguagem, portanto, em certas situações não representa apenas um humor simplório, mas um meio de trazer ideologias que propagam discriminação. Ademais, esse tipo de comportamento auxilia no assentamento de uma estrutura social que permite e mantém o preconceito de gênero. Foi demonstrado que quando se aponta a liberdade de expressão, é preciso ter a noção de que há uma linha tênue entre o cômico e a violação de direitos e o respeito.

Dessa maneira, ao buscar traçar um perfil de percepção de discriminação, com foco na prática de piadas machistas, ou seja, focalizando a violência simbólica, e considerando os diferentes eixos utilizados na metodologia, foi possível apreender que as mulheres demonstram menos preconceito de gênero do que os homens, enquanto as variáveis raça/cor e renda não apresentaram relação estabelecida. Esses resultados vão ao encontro de um espectro de dominação dos homens às custas das mulheres e além disso de uma sociedade que utiliza o humor sexista como uma possibilidade de se expressar confortavelmente, sem receio de desaprovação de suas percepções. Isso se dá, pois as piadas representam um novo piso de aceitabilidade social, todavia é importante ressaltar que isso lhes dá um alto potencial de legitimação de discriminação na sociedade.

É relevante o apontamento de que o recorte de alunas universitárias, a priori demonstraria um menor número no que concerne ao preconceito, visto que são pessoas que apresentam opiniões menos cristalizadas e, por conseguinte, maior tolerância. Todavia, o que se pôde observar nesse estudo foi um significativo número de universitárias que acreditam que as piadas representam apenas brincadeiras e não são reflexo de preconceito. Esse resultado é ainda mais preocupante, ao se pensar que os resultados poderiam ser amplificados ao se pensar a sociedade por inteiro.

Foi buscado demonstrar que é justamente esse tipo de comportamento que dá início a toda uma estrutura de manutenção do preconceito de gênero. Isso porque ele abre a possibilidade de pessoas que já têm o preconceito, tentarem escondê-lo e serem aceitos socialmente.

É importante ressaltar, por fim, que quando o coletivo é posto como equivalente ao comum, experiências são encobertas e vozes são silenciadas. Dessa forma, é possível concluir que as hierarquias sociais devem ser vistas de forma complexa, portanto, se deve pensar gênero, classe e raça como eixos interseccionados. É preciso o esclarecimento de que há um entrelaçamento complexo entre os padrões de dominação que definem as assimetrias sociais, ou seja, para o estudo ou para projetos de emancipação é necessária a observação simultânea dos três eixos (gênero, classe, raça) (Biroli, Miguel, 2015: 28-29).

Em suma, é importante dar visibilidade ao tema, ao que ele pode trazer como consequências pra sociedade e pras mulheres. As vivências das mulheres precisam ser consideradas, para que assim, a naturalização da cultura machista possa ser revista. Uma maior significância às experiências destas possibilita alterar a vinculação entre as esferas pública e privada, auxiliando também na desconstrução dos mecanismos, que por mais que pareçam simplórios, mantém essa opressão. Dessa forma, este estudo buscou contribuir, por meio da análise dos comportamentos sociais direcionados às mulheres e suas consequências, com ações que objetivam a diminuição do preconceito e da consequente vulnerabilidade social das mulheres.

Referências Bibliográficas

Biroli, Flávia; Miguel, Luis Felipe. Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. *Mediações*, vol. 20, n.2, 2015.

Cruz, Sabrina Uzêda da. A representação da mulher na mídia: um olhar feminista sobre as propagandas de cerveja. *Travessias*, vol. 2, n.3, 2008.

Gregoli, Roberta. Machismo disfarçado de humor. 2012. Disponível em: <http://subvertidas.blogspot.com.br/2012/05/machismo-disfarcado-de-humor.html#.V9mhKJgrLIU>

Lavorenti, Wilson. Violência e Discriminação contra a Mulher: Tratados Internacionais de Proteção e o Direito Penal Brasileiro. Campinas: Millenium, 2009.

Mota, Fernanda Ferreira; Maia, Juliana Lima. "Mulheres e política: continuidades e reproduções que contribuem para a manutenção de uma posição subordinada". *Paper* apresentado no 2º Simpósio Nacional sobre Democracia e Desigualdades. Brasília, 7 a 9 de maio de 2014.

Nelson, Clawson and Oxley. (1997). Media framing of a civil liberties conflict and its effect on tolerance.

Pager, Devah. 2006. Medir a discriminação. *Tempo Social* 18: 65-88.

Pateman, Carole. O contrato sexual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. Capítulo 1, "Fazendo contratos".

Pimentel, Silvia. Convenção Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher. Disponível em: http://www.compromissoeatitude.org.br/wp-content/uploads/2012/11/SPM2006_CEDAW_portugues.pdf

Okin, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. *Revista Estudos Feministas*, n16, vol2, 2008; p. 305-332.

Oliveira, Amanda Muniz; Bastos, Rodolpho Alexandre Santos Melo. A violência simbólica de gênero propagada pela indústria cultural e os direitos humanos das mulheres. *Interfaces Científicas – Direito*, Aracaju, V.2,N.2, p. 47 – 58. Fev. 2014.

R Core Team (2016). R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. URL <https://www.R-project.org/>.

Silva, André Luiz da. Ventura, Raissa Wihby. Kritsch, Raquel. O gênero do público: críticas feministas ao liberalismo e seus desdobramentos. Dossiê: contribuições do pensamento feminista para as ciências sociais. *Mediações*, Londrina, v. 14, n.2, pp. 52-82, jul/dez 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/4507/3786>

Stephen, Walter (1985). Intergroup relations. Em G. Lindzey & E. Aronson. *Handbook of social psychology*. New York: Random House. Disponível em: <https://estereotipos.net/2007/11/28/endogrupo-e-exogrupos/>

Vieira, Hector Luís C. A liberdade de expressão e os discursos de humor: a democracia é bem-humorada? Instituto Brasiliense de Direito Público, Escola de Direito do IDP. Disponível em:

http://dspace.idp.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1253/A_LIBERDADE_DE_EXPRESS%C3O_NA_JURISPRUD%CANCIA_DO_STF_novo.pdf?sequence=1#page=96

Welzer-Lang, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, v.9, n.2, 2001.

Western Carolina University. "Sexist Humor No Laughing Matter, Psychologist Says." *ScienceDaily*. ScienceDaily, 7 November 2007. <www.sciencedaily.com/releases/2007/11/071106083038.htm>.

Young, Iris Marion. 2005. *On female body experience*. Oxford: Oxford University Press.